

Três autores propõem respostas para questões relevantes da educação brasileira

OLGA MOLINA
Especial para a Folha

PEDAGOGIA: DIÁLOGO E CONFLITO de Moacir Gadotti, Paulo Freire e Sérgio Guimarães. Cortez. 127 págs. Cr\$ 32.760

Três amigos se reúnem para, em um diálogo, responder às questões com que mais frequentemente se defrontam em suas andanças, falando para estudantes e professores. O objetivo deste livro, segundo os autores uma iniciação aos estudos pedagógicos, é o de responder as perguntas acumuladas ao longo do tempo, mas de um ponto de vista atual e, acima de tudo, considerando as respostas que os educadores, hoje em dia, estão dando às questões que eles mesmos elaboraram, já que toda pergunta traz em si o germe da resposta. A partir desta perspectiva, conhecemos um pouco mais do pensamento político-pedagógico dos três autores (por vezes diferentes, mas não antagonísticos entre si) e sua opinião sobre os assuntos mais relevantes da educação brasileira.

Começam por rever a questão da especificidade do político e do pedagógico, numa análise onde concor-



dam justamente com a falta de especificidade, já que o ato pedagógico inclui uma atuação política, na medida em que o educador sempre trabalha no sentido do convencimento de alguém em uma certa direção. No caso dos autores, esta direção é a da transformação da sociedade em que vivemos. Exatamente por reconhecer este aspecto político da educação é que eles dão relevo ao tema da participação. Em primeiro lugar, analisam o papel dos estudantes, que não se resume a cumprir tarefas acadêmicas. Uma greve, por exemplo, adquire novo sentido quando analisada sob a ótica da participação: torna-se aula de democracia. Mais complexo é o papel do educador, analisado à luz das conflitivas teorias atuais. Qual a sua margem de poder?

Neste ponto encontra-se, talvez, o momento mais iluminado do livro, quando Paulo Freire, no terceiro capítulo, define quem é o educador necessário: "aquele que não se considera possuidor do objeto de conhecimento, mas conhecedor de um objeto a ser desvelado e também assumido pelo educando". Este verdadeiro educador é sempre diretivo, mas nunca autoritário: Ele é diferente do educando, e por causa desta diferença, entre eles pode-se estabelecer o diálogo, mesmo que haja conflito. Porque é um conflito entre diferentes, não entre antagonísticos,

estabelece-se o diálogo e não o pacto, a possibilidade que resta entre antagonísticos.

Uma reflexão difícil para muitos educadores hoje em dia: até que ponto eles se reconhecem diferentes dos seus educandos, desde a classe social a que pertencem, e ainda assim capazes de, por opção, colocarem-se a serviço deste indispensável diálogo pedagógico? Quais as possibilidades de ação para os educadores, envolvidos também no que os autores chamam de guerra de classes: violência cotidiana, depredações nas escolas, autoritarismo centralizado? No capítulo final, momentos brilhantes quando o assunto é a possibilidade de um ensino e de uma leitura realmente críticos. Para isso, talvez seja necessário retomar alguns valores momentaneamente esquecidos pela escola e ensinar os alunos, desde cedo, não apenas a ler, escrever e contar, mas também a ouvir (para posicionamento e intervenção) e falar, gritar se for preciso, para se fazer ouvir. A escola sozinha não vai dar conta desta tarefa, mas pode ajudar, e muito, principalmente se avançar na direção do diálogo que considera a diferença e supera os antagonismos.

Olga Molina, 48, é professora de Didática no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da USP e autora de trabalhos na área de pesquisa da leitura e livro didático.